

Estudos Urbanos  
Serie Arte e Vida Urbana

**Ebenezer Howard**  
**CIDADES-JARDINS DE AMANHÃ**

*Introdução de*  
**Dacio A. B. Ottoni**



HUCITEC

**Ebenezer Howard**

**CIDADES-JARDINS  
DE AMANHÃ**

**Tradução**

Marco Aurélio Lagonegro

**Revisão da tradução**

Maria Irene Q. F. Szmrecsányi

**Introdução**

Dacio Araújo Benedicto Ottoni

Estudos Urbanos  
Série Arte e Vida Urbana

**HUCITEC**  
São Paulo, 1996

# Introdução do Autor

"Novas forças, novos anseios, novos propósitos, que silenciosamente vinham se acumulando sob a crosta da reação, de repente explodiram à vista."

J. R. Green, *Short History of the English People*, cap. X.

"Em muitos casos, uma mudança consuma-se após longas disputas e agitações, e não se percebe que quase tudo se efetua em silêncio por meio de causas às quais poucos conferem qualquer atenção. Se numa geração uma instituição é intocável, na segunda, homens audazes podem atacá-la, e numa terceira, outros valentes talvez a defendam. No primeiro momento, em vão os mais decisivos argumentos são arrolados contra ela, caso de fato sejam tolerados. De outra feita, o mais pueril dos sofismas basta para condená-la. No primeiro caso, a instituição, embora na aparência indefensável exclusivamente pela lógica, era coerente com os hábitos assumidos e com os modos de pensar da comunidade. No segundo, estes se alteraram por influências que as análises mais acuradas provavelmente falhariam em explicar, bastando um sopro para fazer ruir a estrutura corroída."

*The Times*, 27-XI-1891.

Nestes dias de forte sentimento partidário e de problemas sociais e religiosos extremamente contestados, talvez possa parecer difícil encontrar uma única questão de importância essencial para a vida e o bem-estar da nação sobre a qual estejam todos completa e inteiramente de acordo, não importando qual seu partido político ou qual o matiz de sua opinião sociológica. Discuta a luta pela abstinência do álcool, e ouvirá de John Morley que "esse é o maior movimento moral desde aquele pela abolição da escravatura"; Lord Bruce o lembraria, no entanto, que "o comércio de bebidas contribui anualmente com £40.000.000 para os cofres do país, praticamente mantendo o Exército e a Marinha e garantindo o emprego de milhares de pessoas" e que "mesmo os

abstêmios de álcool devem muito aos vendedores autorizados de bebidas alcoólicas, pois, não fosse por eles, os pontos de venda de refrescos no Palácio de Cristal há muito já teriam fechado as portas". Discuta o tráfico de ópio, e você ouvirá, por um lado, que seu consumo abate o moral do povo chinês, e, por outro, que isso é um tanto falso, que os chineses, graças ao ópio, são capazes de executar tarefas impossíveis para um europeu e de ingerir alimentos que fariam torcer o nariz o menos exigente dos ingleses.

Freqüentemente, questões religiosas e políticas dividem-nos em campos hostis. Assim, em diversos domínios em que a calma, o pensamento desapaixado e as emoções puras são essenciais a qualquer avanço em direção a crenças corretas e princípios confiáveis de ação, o fragor da batalha e a contenda dos rivais são mais energicamente sugeridos ao espectador que o amor verdadeiramente sincero à verdade e ao país, que com certeza anima quase todos os corações.

Há, no entanto, uma questão sobre a qual praticamente não se manifestam quaisquer diferenças de opinião. É quase universalmente aceito por homens de todos os partidos, não somente na Inglaterra, mas em toda Europa, América e em nossas colônias, ser profundamente deplorável que pessoas continuem afluindo a cidades já superpovoadas, esvaziando ainda mais os distritos rurais.

Lord Rosebery, falando há alguns anos enquanto presidente do Conselho do Condado de Londres, enfatizou o seguinte ponto:

"Não há o menor orgulho em minha mente associado à idéia que tenho de Londres. Londres sempre me apavorou por sua horrorosidade, pelo fato assustador desses milhões de indivíduos descartados, como que por acaso, às margens desse nobre rio, cada um trabalhando em sua própria cova e em sua própria cela, sem consideração nem conhecimento mútuo, sem levar em conta os demais, sem a mais pálida idéia de como vivem...; e pelas perdas que, sob a indiferença geral, sofre este exército de inumeráveis milhares de criaturas. Há sessenta anos, um grande inglês, Cobbett, disse que Londres era um abscesso. Se era então um abscesso, o que se tornou hoje? Um tumor, uma elefantíase, sugando goela abaixo a vida, o sangue e os ossos dos distritos rurais." (Março de 1891.)

Sir John Gorst aponta o mal e sugere o remédio:

"Se quisessem um remédio permanente para o mal, deveriam eliminar a causa; deveriam deter a onda e conter a migração para as cidades, mantendo as pessoas no campo. O interesse e a segurança das próprias cidades estão envolvidos na solução do problema." (*Daily Chronicle*, 6-XI-1891.)

Dean Farrar afirma:

"Estamos nos tornando um país de grandes cidades. As aldeias estão estagnadas ou em retrocesso; as cidades expandem-se enormemente. E se for verdade que as grandes cidades tendem cada vez mais a se tornar as sepulturas da compleição física de nossa raça, admirar-nos-íamos disso ao ver as casas imundas, miseráveis, carentes de equipamentos sanitários, contaminadas pela negligência e pela sujeira?"

O Dr. Rhodes, no Congresso Demográfico, chamou a atenção para "a migração que estava ocorrendo nos distritos agrícolas ingleses. No Lancashire e em outros distritos manufatureiros, 35% da população estava acima dos sessenta anos de idade, mas nos distritos agrícolas, esta proporção chegava a 60%.<sup>1</sup> Muitas das choupanas eram tão repugnantes que não mereciam ser chamadas de casas, e as pessoas tão deterioradas fisicamente que não estavam em condições de realizar o trabalho executável por alguém sadio. A menos que se faça algo para melhorar a sorte dos trabalhadores agrícolas, o êxodo prosseguirá, com resultados futuros impronunciáveis." (*The Times*, 15-VIII-1891.)

A imprensa, liberal, radical e conservadora, via esse grave sintoma dos tempos com o mesmo alarme. A *St. James's Gazette*, assinalava a 6-VI-1892:

"A melhor maneira de ministrar o antídoto adequado contra o maior perigo da existência moderna não constitui uma questão de importância mesquinha."

*The Star*, a 9-X-1891, perguntava:

"Como deter a onda migratória do campo é um dos principais problemas da atualidade. O trabalhador talvez pudesse ser devolvido ao campo, mas como devolver as atividades rurais à Inglaterra rural?"

*The Daily News* publicara poucos anos antes uma série de artigos, "A Vida em nossas Aldeias", nos quais tratava do mesmo problema.

Líderes sindicais emitem a mesma advertência. Ben Tillet afirma:

"A mão-de-obra está ávida por trabalho, e as terras estão famintas por mão-de-obra."

O sr. Tom Mann observa:

"O congestionamento de trabalhadores na metrópole é causado principalmente pelo afluxo vindo dos distritos rurais dos que ali eram necessários para cultivar a terra."

<sup>1</sup> Esta cifra foi tomada tal como apareceu originariamente, mas deve haver um erro na localização da casa decimal. Em 1939, as pessoas acima de 65 anos nas áreas urbanas da Inglaterra e de Gales somavam 8,77% da população; na Grande Londres 8,33% e nos distritos rurais 10,3%. (Nota à edição de 1965.)

Dessa forma, todos concordam com a urgência do problema; todos estão propensos a resolvê-lo e, embora possa parecer utópico esperar semelhante acordo quanto ao valor de qualquer remédio a ser proposto, é pelo menos de imensa importância, tratando-se de questão por todos encarada como de supremo relevo, que partamos de uma opinião igualmente consensual. Isto será um indício ainda mais notável e auspicioso quando estiver demonstrado, como eu creio que será feito conclusivamente nesta obra, que a resposta a essa questão, uma das mais urgentes do momento, torna comparativamente fácil a solução de muitos outros problemas que até agora puseram à prova a engenhosidade dos maiores pensadores e reformadores de nossos tempos. De fato, a chave do problema de como reconduzir as pessoas para o campo — nossos belos campos, com sua cobertura celestial, o ar que os ventila, o sol que os aquece, a chuva e o orvalho que os umedecem — a verdadeira encarnação do amor divino pelo homem — é na verdade uma *Chave Mestra*, porque é a chave do portal através do qual, mesmo que apenas entreaberto, parecerá derramar-se um feixe de luz sobre os males da intemperança, do trabalho excessivo, da ansiedade incessante, da pobreza opressora, isto é, sobre os verdadeiros limites da interferência governamental, lamentavelmente, e mesmo das relações do homem com o Poder Supremo.

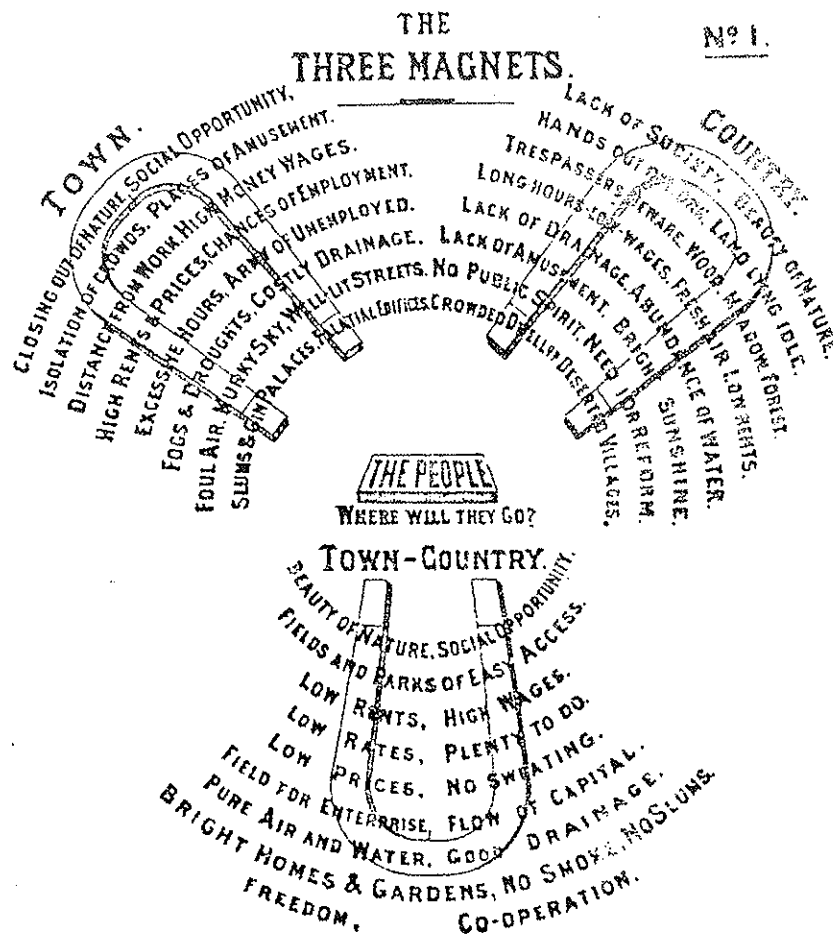
Talvez se possa pensar que o primeiro passo para chegar-se à solução deste problema — como restituir as pessoas ao campo — envolva uma cuidadosa consideração das inúmeras causas que até o presente levaram a sua agregação em grandes cidades. Fosse esse o caso, seria necessária uma prolongada investigação inicial. Felizmente, tanto para o autor quanto para o leitor, não há por que proceder aqui a tal análise e por uma razão muito simples, que pode ser assim enunciada: quaisquer que sejam as causas que atuaram no passado e continuam agindo no presente, arrastando as pessoas para as cidades, elas devem ser entendidas como "atrativos", tornando-se óbvio, portanto, que não haverá solução efetiva senão oferecendo às pessoas — no mínimo a contingentes consideráveis delas — "atrativos" maiores do que os que nossas cidades atualmente oferecem, de modo que a força dos antigos "atrativos" seja sobrepujada pela dos novos que possam vir a ser criados. Cada cidade poderia ser vista como um ímã, cada pessoa como uma agulha. A partir disso, fica evidente que nada aquém da descoberta de um método de fabricação de ímãs com poder de atração maior que o de nossas cidades será eficiente para redistribuir a população de uma forma espontânea e salutar.

Assim exposto, o problema pode parecer à primeira vista difícil, senão impossível, de ser resolvido. "O que", alguém perguntaria, "poderia efetivamente ser feito para tornar o campo mais atraente que a cidade para os

trabalhadores jornalheiros? Aumentar mais os salários no campo que na cidade? Ou, no mínimo, o padrão de conforto físico? Assegurar no campo possibilidades de intercâmbio social, ou perspectivas de avanço do homem ou da mulher médios, iguais senão superiores às oferecidas em nossas grandes cidades?" Costuma-se encontrar constantemente essa questão apresentada em forma muito similar a esta. O assunto é continuamente tratado pela imprensa pública e em todas as discussões como se os homens, ou pelo menos os trabalhadores, não tivessem hoje, nem jamais pudessem ter, duas escolhas ou alternativas: ou, por um lado, sufocar seu amor pela sociedade humana — pelo menos em relacionamentos mais amplos que os encontrados em uma aldeia perdida — ou, por outro lado, abdicar quase completamente de todas as puras e sutis delícias do campo. A questão é universalmente considerada como se agora fosse (e assim devesse permanecer para sempre) completamente impossível para os trabalhadores viver no campo e apesar disto dedicar-se a atividades outras que não a agricultura; como se cidades superpovoadas e malsãs fossem a última palavra em ciência econômica e como se fosse necessariamente permanente nossa atual forma de produção, na qual linhas cortantes separam as atividades agrícolas das industriais. Essa falácia é aquela muito comum de ignorar por completo a possibilidade de outras alternativas além daquelas apresentadas à mente. Na verdade, não há somente duas alternativas, como se crê — vida urbana ou vida rural. Existe também uma terceira, que assegura a combinação perfeita de todas as vantagens da mais intensa e ativa vida urbana com toda a beleza e os prazeres do campo, na mais perfeita harmonia. E a certeza de ser capaz de viver essa vida será o ímã que produzirá o efeito que todos nós procuramos — o movimento espontâneo das pessoas de nossas cidades congestionadas para o seio de nossa afável mãe-terra, simultaneamente fonte da vida, da felicidade, da riqueza e da força. Com efeito, a cidade e o campo poderiam ser vistos como dois ímãs, cada um buscando atrair as pessoas para si — uma rivalidade da qual uma nova forma de vida, conjugando a natureza de ambas, viria a participar. Isso pode ser ilustrado pelo diagrama "Os Três Ímãs", no qual as principais vantagens da cidade e do campo são confrontadas com suas correspondentes desvantagens, ao passo que as vantagens da Cidade-Campo são vistas livres das desvantagens dos casos anteriores.

Como será visto, o ímã da cidade, se comparado ao do campo, oferece como vantagens altos salários, oportunidades de emprego, tentadoras perspectivas de melhora de vida, contrabalançadas, todavia, pelos altos preços e aluguéis. Suas oportunidades sociais e seus locais de diversão são muito sedutores, mas a jornada de trabalho excessiva, a distância dos locais de trabalho e o "isolamento das massas" tendem a reduzir enormemente o valor dessas coisas boas. As ruas bem iluminadas são grande atrativo especialmente no inverno, mas a luz solar vem sendo cada vez

mais barrada e o ar está tão viciado que belos edifícios públicos, assim como os pardais, rapidamente se cobrem de fuligem, estando as próprias estátuas em condição desesperadora. Edifícios suntuosos e aterrorizantes cortiços são as estranhas feições complementares das cidades modernas.



**Os Três Ímãs**

**Cidade**

Afastamento da natureza  
Isolamento das multidões  
Distância do trabalho  
Aluguéis e preços altos

Jornada excessiva de trabalho

Nevoeiros e seca  
Ar pestilento e céu sombrio  
Cortiços e bares

**Campo**

Falta de vida social  
Desemprego  
Matas  
Jornada longa - salários baixos  
Falta de drenagem  
Falta de entretenimento  
Falta de espírito público  
Casas superlotadas

**Cidade-campo**

Beleza da natureza  
Campos e parques de fácil acesso  
Aluguéis baixos  
Preços baixos  
Oportunidades para empreendimentos  
Ar e água puros  
Residências e jardins esplêndidos  
Liberdade

Oportunidades sociais  
Locais de entretenimento  
Altos salários monetários  
Oportunidades de emprego  
Exército de desempregados  
Drenagem custosa  
Ruas bem iluminadas  
Edifícios palacianos

Beleza da natureza  
Terra ociosa  
Bosques, campinas, florestas  
Ar fresco - aluguéis baixos  
Abundância de água  
Sol brilhante  
Carência de reformas  
Aldeias desertas

Oportunidades sociais  
Muito o que fazer  
Nenhuma exploração  
Afluxo de capital  
Boa drenagem  
Ausência de fumaça e de cortiços  
Cooperação

**Os Três Ímãs**



O ímã do campo apresenta-se como a fonte de toda a beleza e riqueza, mas o ímã da cidade o faz recordar zombeteiramente que é assaz monótono por carecer de vida social e que é avaro de seus dons por falta de capital. Há no campo belas paisagens, parques soberbos, bosques perfumados por violetas, ar puro, o murmúrio das águas; mas vê-se também com frequência as temíveis advertências: "os invasores serão processados". Certamente os aluguéis são baixos se avaliados por acre, mas esses baixos aluguéis são fruto natural dos baixos salários, mais do que a causa de um conforto substancial, enquanto o arrastar das horas e a ausência de diversões impedem que o brilho do sol e o ar puro alegrem o coração das pessoas. A única atividade, a agricultura, freqüentemente sofre com as chuvas excessivas, mas a maravilhosa seara das nuvens raramente é armazenada, de forma que, em épocas de estiagem, é comum que, mesmo para beber, a oferta de água seja das mais insuficientes.<sup>2</sup> Mesmo a salubridade natural do campo perde-se pela falta da devida drenagem e de outras medidas sanitárias, enquanto em lugares quase abandonados, os poucos que ficam mesmo assim amontoam-se como se quisessem rivalizar com os cortiços de nossas cidades.

Mas nem o ímã da cidade nem o do campo representam todo o plano e as finalidades da natureza. A sociedade humana e as belezas naturais foram criadas para serem fruídas em conjunto. Os dois ímãs devem fundir-se num só. Do mesmo modo que o homem e a mulher complementam-se por seus variados dons e capacidades, assim deve ser com a cidade e o campo. A cidade é o símbolo da sociedade — da ajuda mútua e da cooperação amigável, da paternidade, da maternidade, da fraternidade, da sororidade, de amplas relações entre os homens, de largas e expansivas simpatias, da ciência, da arte, da cultura, e da religião. E o campo! O campo é o símbolo do amor e do zelo de Deus pelo homem. Tudo o que somos e o que temos vem de lá. Nossos corpos são formados dele: a ele retornarão. Somos alimentados por ele, vestidos por ele e por ele somos aquecidos e abrigados. Em seu seio repousamos. Sua beleza é a inspiração da arte, da música e da poesia. Suas forças empurram todas as engrenagens da indústria. O campo é a fonte de toda a saúde, de toda a riqueza, de todo o conhecimento. Mas ao homem não foi revelado conhecê-lo na plenitude de sua alegria e sabedoria, e isso nunca poderá ocorrer enquanto perdurar essa infeliz e antinatural separação entre sociedade e natureza. Cidade e campo *devem estar casados*, e dessa feliz união nascerá uma nova esperança, uma nova vida, uma nova civilização. A finalidade deste trabalho é mostrar como pode ser dado o primeiro passo nesse sentido pela construção de um ímã Cidade-Campo. Espero convencer o leitor de que isso é factível, aqui e agora, e com base em princípios absolutamente sólidos, tanto do ponto de vista ético quanto do econômico.

<sup>2</sup> O Dr. Barwise, chefe do Serviço de Saúde do Conselho do Condado de Derbyshire, depondo perante uma seleta comissão na Câmara dos Comuns a 25-IV-1894, sobre a Lei de Água e Gás de Chesterfield, assim respondeu à questão n.º 1873: "Eu vi na Escola Pública de Brimington umas bacias cheias de espuma de sabão, e aquela era a única água que as crianças tinham para banhar-se. Elas tinham que se lavar umas após as outras na mesma água. É claro, uma criança com tina ou qualquer coisa assim, poderá passá-la para todas as outras... A mestre-escola contou-me que as crianças vinham com calor do pátio e que as vira chegar a beber dessa água suja. De fato, não havia outra água a que recorrer quando estavam com sede".

Tratarei, pois, de mostrar como na Cidade-Campo<sup>3</sup> poderão ser desfrutadas oportunidades iguais a, aliás, melhores, que as de intercâmbio social de qualquer cidade apinhada, enquanto, ainda assim, as belezas da natureza possam ali abraçar e desenvolver cada um dos habitantes; como salários mais altos poderão ser compatíveis com taxas e aluguéis reduzidos; como oportunidades fartas de emprego e perspectivas brilhantes de melhoria de vida poderão ser garantidas para todos; como o capital poderá ser atraído e a riqueza gerada; como as mais admiráveis condições sanitárias poderão ser asseguradas; como belas casas e jardins poderão estar ao alcance de todos; como os limites da liberdade poderão ser ampliados e ainda assim todos os melhores resultados do entendimento e da cooperação serem colhidos por um povo feliz.

Se a construção de tal ímã pudesse ser efetivada, abrindo seqüência, como poderia ser, para a de muitos outros, certamente proporcionaria a solução da candente questão que nos foi colocada por Sir John Gorst: "como reverter o afluxo migratório das pessoas para a cidade e como fazê-las voltar ao campo".

Uma descrição mais completa desse ímã e do modo de produzi-lo será o objeto dos capítulos que se seguem.

<sup>3</sup> No original Town-Country. Considerou-se tratar de substantivo composto, não desempenhando a palavra "town" a função de adjetivo. (N. dos T.)

# Capítulo I

## O Ímã Cidade-Campo

"Minha mente não cessará de lutar  
Tampouco em minha mão descansará a espada  
enquanto não tivermos construído Jerusalém  
no solo verde e aprazível da Inglaterra."

Blake

"Uma ação sanitária e terapêutica completa nas casas que temos e, então a construção de outras, fortes, bonitas e em grupos de extensão limitada, guardando proporção com suas correntes d'água e circundadas por muros, para que assim não haja em parte alguma subúrbios purulentos e miseráveis, mas sim ruas limpas e movimentadas no interior e campos abertos no exterior, com um cinturão de belos jardins e pomares extramuros, para que de qualquer parte da cidade se possa, numa caminhada de poucos minutos atingir o ar perfeitamente fresco, a relva e a visão de um horizonte longínquo. Esse é o propósito final."

John Ruskin, *Sesame and Lilies*.

<sup>4</sup> Esse era o preço médio pago pela terra cultivável em 1898 e, embora essa estimativa possa mostrar-se mais que suficiente, é pouco provável que tenha sido muito excessiva.

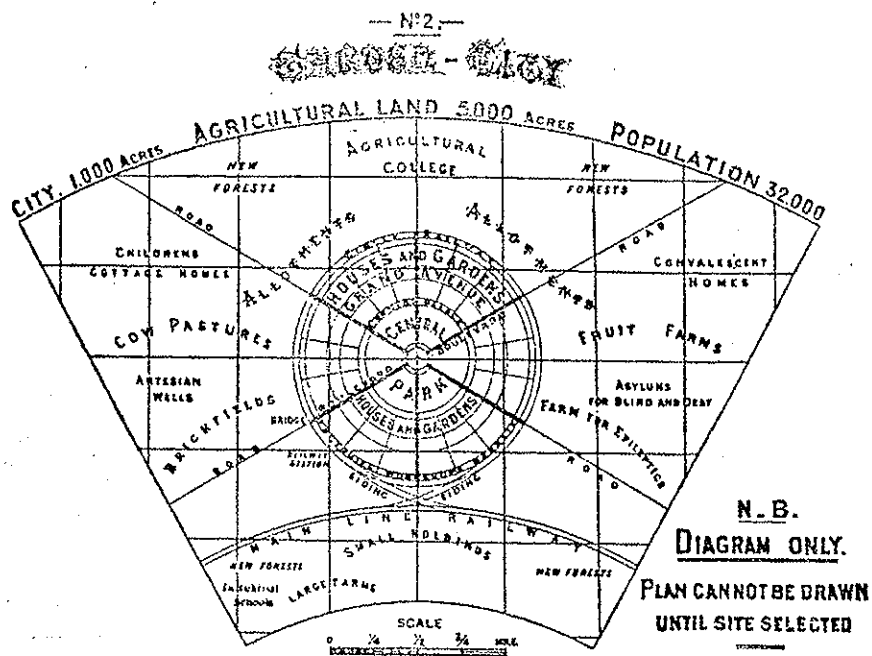
<sup>5</sup> Os valores citados nesta obra são expressos no antigo sistema monetário britânico L.S.D. (Librae, Soldi & Denarii ou, Pounds, Shillings and Pence), hoje em desuso. Uma libra (£) subdividia-se em 20 shillings (s); cada shilling em 12 pence (d). (N. do T.)

<sup>6</sup> "É provável que os arranjos financeiros descritos neste livro sejam superados na forma, mas não no princípio essencial. E até que se chegue a um acordo sobre um esquema definitivo, acho melhor repeti-los tal como aparecem em *To-morrow*, o título original deste livro — o livro que orientou a formação da Garden City Association." (Nota à edição de 1902.)

Imagine o leitor uma propriedade de 6.000 acres (cerca de 2.400 hectares), no presente momento estritamente agrícola, adquirida no mercado aberto ao preço de £40<sup>4</sup> por acre, ou £240.000<sup>5</sup> no todo. Supõe-se que o dinheiro da transação tenha sido levantado por apólices hipotecárias a uma taxa média de juros não superior a 4%.<sup>6</sup> A propriedade está legalmente posta em nome de quatro cavaleiros de posição respeitável, honra e reputação ilibadas, seus comissários juramentados que as mantêm, primeiramente, como garantia ante os titulares das apólices, e, em segundo lugar, ante a gente da Cidade-Jardim, o ímã Cidade-Campo que pretendem daí em diante construir. Um aspecto essencial desse plano é que todos os aluguéis do solo, baseados no valor da renda anual do terreno, serão pagos aos fideicomissários, que, após

constituírem um fundo para pagamento dos juros e amortização do principal, repassarão o saldo ao Conselho Central da nova municipalidade<sup>7</sup> para que esse conselho o empregue na instalação e manutenção de todas as obras públicas — estradas, escolas, parques etc.

Os objetivos dessa compra fundiária podem ser definidos de várias maneiras, bastando que aqui se mencionem alguns dos principais, como se segue. 1) Encontrar para nossa população operária trabalho com salários de *poder aquisitivo superior* e assegurar-lhes um ambiente mais saudável e uma oferta mais constante de empregos. 2) Oferecer a industriais com espírito empreendedor, sociedades cooperativas, arquitetos, engenheiros, construtores e técnicos de todos os tipos, e a muitos outros atuando em várias profissões, os meios de assegurar um novo e melhor emprego para seu capital e talentos, ao passo que, para os agricultores que no momento ocupem a propriedade ou aos que porventura venham a migrar para lá, visa-se abrir um novo mercado

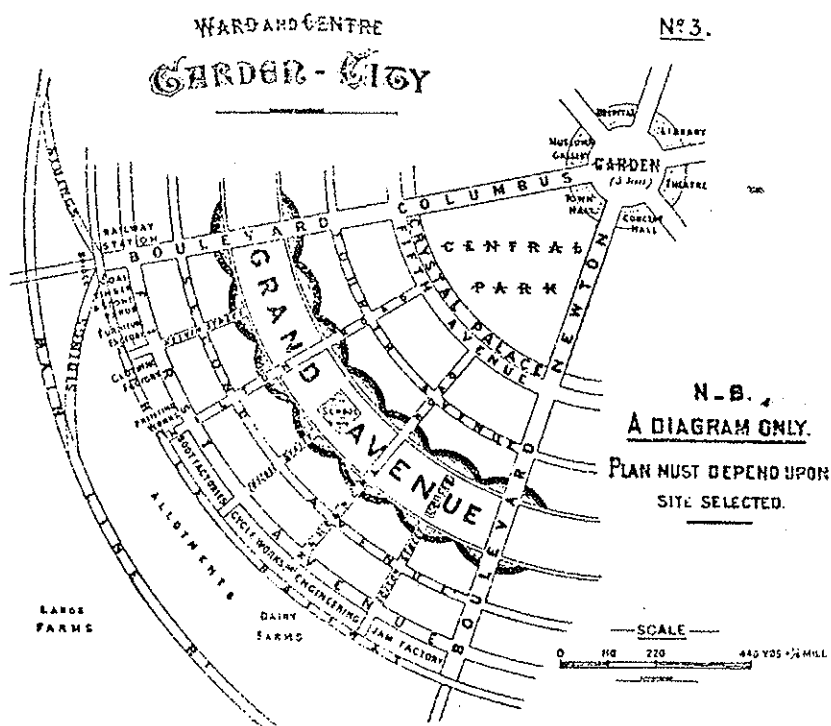


A Cidade-Jardim e seu entorno rural. Cidade 400 ha, zona agrícola 2.000 ha.

<sup>7</sup> A palavra "municipalidade" não está sendo utilizada aqui com sentido técnico.

para seus produtos à sua porta. Numa palavra, visa-se elevar os padrões de conforto e saúde de todos os verdadeiros trabalhadores de todos os níveis, constituindo os meios pelos quais esses objetivos serão atingidos uma combinação saudável, natural e econômica de vida urbana e rural, e isso em terras de propriedade da municipalidade.

A Cidade-Jardim, a ser construída próxima ao centro dos 2.400 ha, ocupa uma área de 400 ha, ou uma sexta parte do total, e pode ter uma forma circular com 1.240 jardas (1.133 m, ou aproximadamente três quartos de milha) de distância do centro à circunferência. (O Diagrama 2 é um plano geral de toda a área municipal, mostrando a cidade ao centro, e o Diagrama 3 representa uma seção ou distrito urbano, sendo útil para acompanhar a descrição da cidade em si — *descrição que consiste em mera sugestão, a ser provavelmente muito modificada.*)



Distrito e centro da Cidade-Jardim.

Seis magníficos bulevares — cada um com 36 m de largura — cruzam, desde o centro até a circunferência, transversalmente a cidade, dividindo-a em seis partes ou distritos iguais. No núcleo há um espaço circular de aproximadamente 2,2 ha, disposto como um belo e bem irrigado jardim e, ao seu redor, cada um em amplo terreno próprio, estão os edifícios públicos — a sede da municipalidade, as principais salas para concertos e conferências, o teatro, a biblioteca, o museu, a galeria de arte e o hospital.

O restante desse amplo espaço, circundado pelo "Palácio de Cristal", constitui um parque público de 56 ha com grandes áreas de recreação e de muito fácil acesso a todos. Ao redor de todo o Parque Central, exceto onde este é interceptado pelos bulevares, há uma grande arcada envidraçada denominada "Palácio de Cristal" e que se abre para o parque. Durante a estação chuvosa, esse edifício torna-se um dos passeios favoritos do público, sendo a certeza de que esse abrigo luminoso estará sempre ao alcance dos usuários do Parque Central mesmo nos dias de tempo mais instável. As manufaturas estarão expostas para venda e se dará a maior parte daquele tipo de compra que requer o prazer de escolher e decidir. Porém o espaço definido pelo Palácio de Cristal será bem maior do que o necessário para tais finalidades, sendo parte considerável utilizada como jardim de inverno, constituindo em seu todo uma mostra permanente do mais atrativo caráter, ao mesmo tempo em que sua forma circular o coloca próximo a todos os moradores da cidade, estando o mais remoto deles a uma distância máxima de 558 m.

Saindo do Palácio de Cristal, rumo ao anel externo da cidade, cruzamos a Quinta Avenida, arborizada como todas da cidade, com fachada para a qual e defronte do Palácio de Cristal encontramos um anel de casas excelentemente construídas, cada uma ocupando um lote amplo e independente. E prosseguindo em nosso trajeto, notaremos que na sua maior parte as casas são construídas ou em anéis concêntricos, com face para as várias avenidas (como são denominadas as vias circulares), ou em frente dos bulevares e das vias que convergem todos para o centro da cidade. Se o amigo que nos acompanha nesta jornada perguntasse qual a população dessa cidadezinha, diríamos que por volta de 30.000 na cidade propriamente dita, 2.000 no setor agrícola e que há 5.500 lotes edificáveis na cidade, com uma área média de 6,10 x 40 m, sendo 6,10 x 30,5 m o mínimo para os lotes com essa finalidade. Quanto à variadíssima arquitetura e ao desenho que exibem as casas e seus grupos — algumas delas com jardins comuns e cozinhas cooperativas — aprendemos que a observância do alinhamento das ruas ou o recuo harmonioso a partir dele constituem os principais pontos da construção de residências sobre o que as autoridades municipais exercem controle pois, embora as medidas sanitárias sejam severamente exigidas, encoraja-se a mais completa expressão da preferência e do gosto individuais.

Ainda caminhando em direção aos arredores da cidade, chegaremos à "Grande Avenida". Essa avenida é bem merecedora de seu nome, visto ter 128 m de largura<sup>8</sup> e, ao formar um cinturão verde de 4,8 km de comprimento, dividir em duas faixas a parte da cidade além do Parque Central. Ela, na verdade, constitui um parque adicional de 46,5 ha, que fica a 220 m do mais remoto morador. Nessa esplêndida avenida, seis lotes, cada um com quatro acres, são ocupados por escolas públicas com seus pátios e jardins, ao passo que outros lotes estão reservados para igrejas de tantos cultos quantas sejam as crenças do povo, a serem construídas e mantidas com fundos dos devotos e seus amigos. Observamos que as casas defronte à Grande Avenida se afastaram (pelo menos num dos distritos, o representado no Diagrama 3) do plano geral em anéis concêntricos e, a fim de se garantir maior linha de fachada para aquela avenida, estão arrançadas na forma de lua crescente, ampliando, assim, para a visão ainda mais a já esplêndida largura dessa via.

No anel externo da cidade localizam-se fábricas, armazéns, laticínios, mercados, carvoarias, serrarias etc., todos defronte à via férrea circular que envolve toda a cidade cujos ramais se conectam à linha principal que passa pela propriedade fundiária. Esse arranjo permite que os vagões sejam carregados ou descarregados em conexão direta com os armazéns e oficinas e as mercadorias sejam remetidas a mercados distantes ou deles recebidas, possibilitando assim não somente economia muito grande de embalagem ou transporte, como também reduzindo ao mínimo perdas por avaria e o tráfego pelas ruas da cidade, fazendo baixar consideravelmente os custos de manutenção dessas. A fumaça é mantida em limites muito bem definidos na Cidade-Jardim, porque todo o maquinário da cidade é movido a eletricidade, resultando que o custo desta para iluminação e outros fins torna-se consideravelmente menor.

O lixo da cidade será utilizado nas parcelas agrícolas da propriedade, possuídas por vários indivíduos na forma de grandes fazendas, pequenos sítios, lotes, pastagens etc. A concorrência natural entre os diferentes métodos agrícolas, postos à prova pela disposição dos locatários em oferecer os rendimentos mais altos possíveis à municipalidade, tende a revelar qual seria o melhor sistema de criação de gado ou, o que é mais provável, quais os melhores *sistemas* adaptados aos diferentes fins. Assim, é facilmente concebível poder-se provar vantajoso o cultivo de trigo em campos muito grandes envolvendo ação conjunta sob um fazendeiro capitalista ou por parte de um corpo de cooperados, ao passo que o cultivo de legumes, frutas e flores, que requer cuidados mais próximos e pessoais, além de mais faculdade artística e inventiva, possivelmente será melhor resolvido por indivíduos ou pequenos grupos de indivíduos que compartilhem a crença na eficácia e no valor de certos adubos, métodos de cultivo, ambientes naturais e artificiais.

<sup>8</sup> Portland Place, em Londres, tem apenas 30,50 m de largura.

Este plano, ou, se agradar ao leitor assim o denominar, esta ausência de plano, evita os perigos da estagnação e do abandono e, embora encoraje a iniciativa individual, permite a mais completa cooperação, ao passo que as rendas fundiárias crescentes oriundas dessa forma de concorrência constituiriam propriedade comum ou municipal, sendo de longe a maior parte deles empregada em melhoramentos permanentes.

Enquanto a cidade em si, com sua população dedicada às diversas atividades, vocações e profissões e com uma loja ou um depósito em cada distrito, oferece o mais natural dos mercados àqueles engajados na propriedade agrícola, sobretudo porque com essa demanda local para seus produtos eles escapam totalmente ao pagamento de quaisquer taxas e encargos ferroviários. Todavia, os sitiantes e os demais de forma alguma ficarão limitados à cidade como seu único mercado, gozando de todo o direito de entregar sua produção para quem lhes aprouver. Aqui, como em qualquer aspecto do experimento, ver-se-á que não são os direitos que estão sendo restringidos, mas as escolhas é que estão sendo ampliadas.

Este princípio de liberdade confirma-se com relação a industriais e a outros que se tenham estabelecido na cidade. Eles administram seus negócios a sua própria maneira, sujeitos, é claro, às leis gerais da terra e a prover espaço suficiente para os trabalhadores, além de condições sanitárias razoáveis. Mesmo tratando-se de água, luz e comunicações telefônicas — cujo fornecimento pela municipalidade, se honesta e eficiente, seria o melhor e o mais natural — não se busca o monopólio rígido ou absoluto. Se alguma empresa privada ou grupo de indivíduos provar ser capaz de fornecer esses serviços, ou quaisquer outros que já tenha assumido, em termos mais vantajosos à cidade toda ou a uma seção dela, será autorizada a fazê-lo. Nenhum sistema de ação realmente sólido necessita de mais suporte artificial que qualquer sistema sólido de *pensamento*. A área de ação municipal e empresarial provavelmente está destinada a expandir-se muito. Mas se assim tiver de ser, isso ocorrerá porque as pessoas têm fé nesse tipo de ação, sendo a melhor maneira de demonstrá-la a ampla extensão da área de liberdade.

Espalhadas pela propriedade estão várias instituições filantrópicas e de caridade. Elas não se encontram sob controle da municipalidade, mas são mantidas e geridas por pessoas dotadas de espírito público, convidadas pela prefeitura para estabelecê-las num distrito aberto saudável e em terrenos que lhes serão arrendados por quantias insignificantes, conscientes as autoridades que é perfeitamente possível ser tão generoso dessa forma, pois o poder de gasto dessas instituições beneficia grandemente a comunidade inteira. Além do que, como os que migram para a cidade contam entre seus membros os mais enérgicos e cheios de recursos, é justo e de direito que seus irmãos mais



Nota: A citação seguinte apareceu como epígrafe deste capítulo na edição de 1898.

carentes possam valer-se dos benefícios de uma experiência destinada à humanidade como um todo.

“Não há cena constante e incansavelmente amada se não for enriquecida pela alegria do trabalho humano: contínuo no campo equilibrado no jardim; pleno no pomar; ordenado, carinhoso e freqüente no lar; reverberando vozes de vívida presença. Não há atmosfera cálida que seja silenciosa; é cálida apenas quando repleta de débeis correntes de sons tíbios — trinados de pássaros, murmúrios e estalidos de insetos, o acento grave das vozes masculinas, os agudos flutuantes da infância. À medida que se aprende a arte de viver, vai-se descobrindo que tudo o que é agradável é também necessário: a flor selvagem à beira do caminho tanto quanto o grão bem cultivado; os pássaros e as criaturas da floresta assim como o gado bem tratado. Pois o homem não vive só de pão, mas também do maná do deserto; de cada palavra prodigiosa e da incognoscível obra de Deus”.

John Ruskin, *Unto This Last* (1862).

## Capítulo VII

### ***Empresa Semimunicipal. A Opção Local. A Campanha pela Abstinência de Álcool***

Vimos no último capítulo que não é possível estabelecer um limite bem definido entre a iniciativa municipal e a individual, para que alguém possa dizer definitivamente tanto de uma como da outra: "Até aqui você vem, mas daqui não passará", e esse caráter mutante do problema pode ser utilmente ilustrado em nosso exame da vida produtiva da Cidade-Jardim, com referência a uma forma de empresa aí desenvolvida, que não é propriamente nem municipal nem individual, mas que, partilhando do caráter de ambas, como o faz, poderia ser chamada "semimunicipal".

Dentre as mais seguras fontes de receita de muitas de nossas atuais municipalidades, estão seus assim denominados "mercados públicos". Mas é importante notar que esses mercados de modo nenhum são públicos no mesmo sentido pleno como o são nossos parques públicos, bibliotecas, o serviço de água ou um dos numerosos setores do serviço municipal, administrados como patrimônio público, por funcionários públicos, às expensas públicas e somente para o bem público. Pelo contrário, nossos assim chamados "mercados públicos" são no mais das vezes ativados por particulares que pagam taxas pela parte do edifício que ocupam, mas que não são, exceto em alguns pontos, controlados pela municipalidade, e cujos rendimentos são gozados individualmente pelo conjunto dos comerciantes. Mercados podem então apropriadamente ser chamados empresas *semimunicipais*.

Talvez, no entanto, fosse pouco necessário tocar nesta questão, mas ela conduz naturalmente à consideração de uma forma de empresa semimunicipal, que constitui uma das feições características da Cidade-Jardim. Isso deverá verificar-se no Palácio de Cristal que, será lembrado, é uma espaçosa arcada que circunda o Parque Central, onde estão expostas as mercadorias mais atraentes à venda na Cidade-Jardim, e que sendo jardim de inverno e um grande centro comercial, é um dos passeios favoritos da população da cidade. Nas lojas, os negócios são feitos não pela municipalidade, mas por vários

indivíduos e sociedades, limitado, no entanto, o número de negociantes pelo princípio da opção local.

As considerações que conduziram a formulação desse sistema procedem da distinção entre, por um lado, o caso dos industriais, e por outro, o das sociedades distribuidoras e dos lojistas convidados para a cidade. Assim por exemplo, no caso de um fabricante, digamos de botas, embora ele possa estar satisfeito com a clientela da cidade, dela não depende de modo nenhum. Seus produtos correm o mundo e ele dificilmente desejaria que o número de fabricantes de botas em sua região fosse especialmente limitado. De fato, ele perderia mais do que ganharia com restrições dessa natureza. Frequentemente um industrial prefere ter outros exercendo a mesma atividade em sua vizinhança, pois isso lhe possibilita maior margem de escolha de trabalhadores e trabalhadoras qualificados, que por sua vez desejam também que seja assim, pois isso lhes proporcionaria uma gama maior de empregadores.

Mas o caso já é completamente diferente tratando-se dos magazines e lojas. Um indivíduo ou uma sociedade que pretendam abrir na Cidade-Jardim, digamos, uma loja de tecidos, ficariam ansiosíssimos por saber se haveria medidas, e quais, para limitar o número de seus concorrentes, pois eles dependeriam quase inteiramente do comércio da cidade ou das imediações. Na verdade, freqüentemente ocorre que um proprietário privado de terras, planejando edificar uma propriedade, firma acordos com seus arrendatários lojistas propositadamente para precavê-los da inundação de outros naquele mesmo ramo que se inicia em sua propriedade.

Portanto, o problema parece ser como firmar acordos adequados para, ao mesmo tempo:

- (1) Induzir os ocupantes da classe dos lojistas a se instalarem com seus negócios, oferecendo à comunidade rendas-cotas adequadas.
- (2) Prevenir a proliferação absurda e desperdiçada de lojas referentes à nota à página 156.
- (3) Assegurar as vantagens habitualmente (ou supostamente) decorrentes da concorrência, tais como preços baixos, ampla margem de escolha, negociações leais, polidez etc.
- (4) Evitar os males que acompanham o monopólio.

Todos esses resultados podem ser assegurados mediante um expediente simples, que terá o efeito de converter a concorrência de uma força ativa, numa força latente a ser posta em prática ou mantida em reserva. É, como

havíamos dito, uma aplicação do princípio da opção local. Esclarecendo: a Cidade-Jardim é a única proprietária das terras, e pode outorgar a um ocupante proponente — suponhamos uma sociedade cooperativa ou um negociante individual de tecidos ou de artigos de fantasia — um longo arrendamento de um certo espaço na Grande Arcada (Palácio de Cristal), a uma certa renda-cota anual; e ela pode, de fato, dizer a esse arrendatário: "Este espaço é o único lugar nesse distrito que por ora pretendemos alugar a algum ocupante de seu ramo. A Arcada, porém, não foi concebida para ser somente o grande centro comercial da cidade e do distrito e mostra permanente na qual os industriais da cidade expõem seus produtos, mas é também um jardim de verão e de inverno. O espaço que esta Arcada cobre será, por essa razão, consideravelmente maior do que é efetivamente necessário para as finalidades de lojas e de magazines, se estas são mantidas dentro de limites razoáveis. Agora, contanto que você satisfaça a população da cidade, nada do espaço necessário a esses fins recreativos será cedido a alguém de sua profissão. Mas é necessário, no entanto, precaver-se contra o monopólio. Se, portanto, as pessoas ficarem insatisfeitas com seus métodos de venda, e desejarem que as forças da concorrência sejam postas ativamente em jogo contra você, então, a partir de certo número de petiçãoários, o espaço necessário na Arcada será arrendado pela municipalidade a alguém desejoso de instalar uma loja concorrente".

Sob tais medidas, ver-se-á que o comerciante dependerá da boa vontade da clientela. Se ele cobra preços demasiadamente altos, se engana na qualidade de seus produtos, se não trata seus empregados com a devida consideração por suas horas de trabalho, por seu salário e outros aspectos, correrá sério risco de perder a boa vontade de seus clientes, e a população da cidade terá um meio de expressar seus sentimentos para com ele que será extremamente poderoso: simplesmente convidarão um novo concorrente a entrar em campo. Mas, por outro lado, estará protegido enquanto desempenhar suas funções a contento e com sabedoria, repousando sua boa vontade na base sólida da boa vontade dos clientes. Suas vantagens seriam, portanto, enormes. Noutras cidades, um concorrente poderia entrar em campo contra ele a qualquer momento e sem aviso prévio, talvez no exato momento em que ele tivesse adquirido mercadorias caras, que, se não negociadas na estação oportuna, somente seriam vendidas com enorme sacrifício. Na Cidade-Jardim, por outro lado, ele tem plena ciência desse perigo; tempo para prevenir-se e mesmo para afastar-se dele. Além do que, os membros da comunidade, a não ser para chamar o comerciante à razão, não terão interesse em trazer a campo um concorrente, não obstante seus interesses estarem melhor servidos mantendo a concorrência na retaguarda tanto quanto possível. Se lançam contra um comerciante o fogo da concorrência, devem sofrer com ele. Perderão o espaço que gostariam de ver reservado para

outros fins; serão obrigados a pagar preços superiores aos que o primeiro comerciante poderia oferecer-lhes se quisesse, e terão de custear serviços públicos a dois comerciantes em vez de a um, ao passo que os dois concorrentes não se permitiriam pagar uma renda-cota tão elevada quanto se permitiria o primeiro, pois em muitos casos o efeito da concorrência é causar uma alta nos preços absolutamente necessária. Assim, A. tem um comércio de 1.652 litros de leite num dia, e pode, como suporemos, cobrir suas despesas, ganhar o meramente suficiente para viver e fornecer leite a seus clientes, digamos, a 4d. 413 litros. Mas, se um concorrente entra em campo, A. então poderá vender apenas *leite diluído* a 4d. para que isso continue valendo-lhe a pena. Assim, a concorrência entre os lojistas tende absolutamente não apenas a arruinar os competidores, mas a manter e mesmo elevar os preços, e também a reduzir os salários reais.<sup>26</sup>

Com esse sistema de opção local, vê-se-á que os comerciantes da cidade — sejam eles indivíduos ou sociedades cooperativas — tornar-se-iam não tanto estrita ou tecnicamente, mas, num sentido muito real, servidores municipais. Não seriam tolhidos pela burocracia do funcionalismo e teriam os mais completos direitos e poderes de iniciativa. Não seria por nenhuma conformidade literal a regras férreas e inflexíveis, mas por sua capacidade e discernimento em prever os desejos e em antecipar-se ao gosto de seus clientes, e por sua honradez e cortesia como homens e mulheres de negócios, que venceriam e conservariam sua boa vontade. Correriam certos riscos, como todo negociante deve correr, e como retorno seriam pagos, não, é claro, na forma de salário, mas na de lucro. Mas os riscos que correriam seriam muito menores que os que haveriam de correr onde a competição é desimpedida e descontrolada, enquanto seus lucros anuais proporcionais ao capital investido poderiam também ser maiores. Poderiam mesmo vender consideravelmente abaixo da média dos preços que prevalece noutras partes, mas agora, tendo um negócio assegurado e sendo capaz de avaliar muito acuradamente a demanda, poderiam recuperar seu dinheiro empatado na mercadoria com extraordinária freqüência. Também suas despesas operacionais tornar-se-iam absurdamente pequenas: não precisariam procurar clientes mediante publicidade, embora possam, sem dúvida, anunciar-lhes quaisquer novidades. Todavia, toda essa dissipação de empenho e de dinheiro freqüentemente gasto pelos comerciantes para assegurar a clientela ou para impedir que ela se bandeie para alhures seria absolutamente desnecessária.

E não apenas cada comerciante seria num certo sentido servidor municipal, mas também aqueles que ele emprega. É verdade que tal comerciante teria todo direito de empregar e demitir funcionários, mas se o fez arbitrariamente ou severamente, se lhes pagou salários insuficientes ou se os tratou sem a devida consideração, certamente corre risco de perder a boa vontade da maior parte

<sup>26</sup> "Foi calculado por Neal" (*Economics of Co-operation*), "que há 41.735 diferentes estabelecimentos para os 22 principais ramos do varejo em Londres. Se para cada um desses ramos houvesse 648 estabelecimentos, o que significa nove por milha quadrada, ninguém teria que andar mais que um quarto de milha para chegar à loja mais próxima. Haveria, ao todo, 14.256 lojas. Supondo que esta oferta fosse suficiente, há em Londres 251 lojas para cada 100 realmente necessárias. A prosperidade do país aumentará muito quando o capital e o trabalho agora desperdiçados no comércio varejista estiverem livres para outro emprego". A. e M. P. Marshall, *Economics of Industry*, cap. IX, sec. 10.

de sua clientela, mesmo se em outros aspectos provasse que é um servidor público admirável. De outra parte, tomando como exemplo o caso da divisão dos lucros, esta poderia generalizar-se até tornar-se um costume, e a distinção entre superiores e subalternos desapareceria gradualmente, num processo simples, no qual todos se tornariam cooperandos.<sup>27</sup>

Este sistema de opção local, tal como aplicado aos lojistas, não é válido apenas no âmbito dos negócios, mas oferece oportunidade para a consciência pública expressar-se contra o explorador que por ora se anima, mas que mal sabe efetivamente como responder ao novo impulso. Nesse sentido, estabeleceu-se em Londres, há alguns anos atrás, a Liga dos Consumidores, cuja finalidade não era, como o nome levaria alguém a supor, proteger o público consumidor contra os produtores inescrupulosos, mas sim proteger o produtor explorado e obsoleto contra um público consumidor super-reivindicante de preços baixos. Seu objetivo era ajudar aqueles do público que odeiam e abominam o sistema de exploração do trabalho, colocando à sua disposição informações da Liga cuidadosamente compiladas, de modo a serem capazes de evitar estudadamente produtos que tivessem passado pelas mãos dos exploradores. Porém, um movimento como esse defendido pela Liga dos Consumidores surtiria pouco efeito sem apoio dos lojistas. O consumidor que insiste em certificar-se da procedência de quaisquer artigos que venha a comprar teria de ser um opositor extraordinariamente zeloso contra a exploração, e em circunstâncias ordinárias um lojista estaria bem pouco disposto a informar ou a garantir que os produtos que vendeu foram produzidos em condições satisfatórias, ao passo que estabelecer lojas em grandes cidades, saturadas de distribuidores, especialmente com o intuito de derrubar a exploração, é atrair a falência. Todavia, aqui na Cidade-Jardim, haverá esplêndida possibilidade para a consciência pública expressar-se quanto a isso, e não haverá lojista, eu espero, que se aventure a vender "produtos de exploradores".

Há outra questão com a qual a expressão "opção local" está muito intimamente associada, e que pode ser tratada aqui. Refiro-me à questão da abstinência de álcool. Faça-se saber agora que a municipalidade, em sua condição de proprietária única das terras, tem *poder* de lidar o mais drasticamente possível com o tráfico de bebidas alcoólicas. Há, como bem se sabe, muitos proprietários de terras que não permitiriam que uma taberna fosse aberta em sua propriedade, e os proprietários da Cidade-Jardim — a própria população — *poderia* seguir esse exemplo. Mas seria isso sábio? Penso que não. Primeiramente, tal restrição manteria afastada uma classe muito grande e crescente de moderados em uso do álcool, e também manteria afastados os bebedores pouco moderados, os que os reformadores estariam ansiosíssimos por trazer para as influências saudáveis que os envolveriam na Cidade-Jardim.

<sup>27</sup> Este princípio da opção local, aplicável principalmente às profissões de distribuição, talvez seja aplicável à produção em alguns de seus ramos. Desse modo, panificadoras e lavanderias, que dependeriam largamente do comércio da localidade, parecem apresentar exemplos aos quais aquele princípio poderia ser aplicado com alguma cautela. Poucos negócios parecem exigir mais completa supervisão e controle que estes, e poucos possuem relação mais direta com a saúde. Na verdade, as panificadoras e lavanderias municipais constituiriam um exemplo muito poderoso, e é evidente que o controle de uma atividade pela comunidade já seria meio caminho andado para sua adoção, desde que isso se provasse desejado e praticável.

A taberna, ou seu equivalente, teria em tal comunidade muitos concorrentes dispondo do favor das pessoas, enquanto nas grandes cidades, com poucas oportunidades de entretenimento barato e racional, ela tem seu caminho livre. O experimento, parte da campanha pela abstinência de álcool, teria portanto maior validade se o comércio de bebidas fosse permitido com controle razoável do que se fosse interdito, porque enquanto, no primeiro caso, os efeitos em direção à abstinência seriam mais claramente atribuídos ao desenvolvimento de uma forma de vida mais saudável e natural, se adotado o segundo, provar-se-ia apenas, não há quem agora o negue, que medidas restritivas possibilitam manter inteiramente afastado o tráfico de bebidas de uma pequena área, intensificando os males em outra parte.

Mas a comunidade precaver-se-ia contra a proliferação indevida dessas tabernas licenciadas, e seria livre para adotar alguns dos vários métodos sugeridos pelos paladinos da abstinência de álcool. As autoridades municipais poderiam administrar elas mesmas o comércio de bebidas, e empregar o lucro na diminuição de taxas. Há, porém, muita força na objeção de que não é desejável que a receita de uma comunidade seja assim obtida, e por conseguinte poderia ser melhor que os lucros fossem inteiramente aplicados em finalidades que concorressem com o comércio de bebidas alcoólicas, ou que reduzissem ao mínimo seus efeitos maléficos, construindo asilos para os afetados pelo alcoolismo. Nesse caso, como em todos os pontos relacionados, busco corresponder-me seriamente com pessoas que tenham sugestões práticas a fazer, e, embora a cidade seja pequena, poderia não ser impraticável testar, em diferentes distritos, várias sugestões promissoras.

## Capítulo XII

### *Cidades Sociais*

“A natureza humana não se desenvolverá mais do que uma batata se for plantada e replantada ao longo de muitas gerações no mesmo solo exausto. Meus filhos tiveram outros nascedouros e, enquanto sua sorte puder estar sob meu controle, não de ter suas raízes fincadas em terras descansadas.”

Nathaniel Hawthorne, *The Scarlet Letter*.

“A questão que ora interessa ao povo é: O que vamos fazer com a democracia agora que a conseguimos? Que tipo de sociedade vamos construir com sua ajuda? Não veremos outra coisa senão um interminável panorama de múltiplas Londres, Manchesters, Novas Yorks e Chicagos, com seu ruído, sua feiúra, sua ganância, açambarcadores e ‘máfias’, suas greves, seus contrastes entre luxo e miséria? Ou seremos capazes de construir uma sociedade com arte e cultura para todos e com algum grande objetivo espiritual dominando a vida dos homens?”

*Daily Chronicle*, 4-III-1891.

Em resumo, o problema com que temos agora de lidar é este: como fazer de nosso experimento de Cidade-Jardim a pedra fundamental de uma forma superior e melhor de vida industrial em todo o país. Admitido o sucesso do primeiro experimento, deve inevitavelmente surgir uma demanda bem difundida pela extensão de métodos tão salutares e vantajosos, e será bom, por esse motivo, considerar alguns dos principais problemas que terão de ser enfrentados no desenvolvimento dessa difusão.

Penso que será bom, tratando desse problema, fazer uma analogia com o progresso inicial da empresa ferroviária. Isso nos ajudará a ver com clareza alguns dos aspectos mais gerais do novo desenvolvimento que está agora tão próximo de nós, bastando que nos mostremos enérgicos e imaginativos. As ferrovias foram criadas inicialmente sem nenhum poder estatutário. Eram



construídas numa pequena escala, e, sendo de curtíssima extensão, era necessário o consentimento de apenas um ou no máximo de poucos proprietários de terras. E o que os acordos e os arranjos privados podiam facilmente obter não eram motivo suficiente para uma petição ao Legislativo nacional. Mas, quando a "Rocket" foi construída e a supremacia da locomotiva foi estabelecida completamente, tornou-se necessário, para que a empresa ferroviária fosse para frente, obter-se poderes legislativos. Pois seria impossível, ou no mínimo muito difícil, fazer arranjos eqüitativos com todos os proprietários cujas propriedades pudessem localizar-se entre pontos distantes muitas milhas. Porque um proprietário obstinado poderia tirar vantagens de sua posição pedindo um preço exorbitante por suas terras, assim, praticamente inviabilizando tal empresa. Foi necessário, portanto, obter poderes para garantir compulsoriamente a terra a seu valor de mercado, ou, a um preço não tão extravagantemente distante desse valor, e, tendo isso sido feito, a empresa ferroviária evoluiu a taxas tão altas que num só ano o Parlamento autorizou que fosse levantado não menos que £1 32.600.000 para fins de construção ferroviária.<sup>43</sup>

Ora, se os poderes do Parlamento foram necessários à expansão da empresa ferroviária, certamente também o serão quando estiver devidamente reconhecida pelo povo a viabilidade inerente da construção de cidades novas bem planejadas e do traslado para elas da população das antigas cidades encortiçadas, feito de forma quase tão natural e, de acordo com o poder exercido, tão fácil quanto seria mudar uma família de um velho pardieiro para uma casa nova e confortável. Para construir tais cidades, deverão ser obtidos consideráveis tratos de terra. Aqui e ali poderá ser assegurada uma gleba adequada mediante acordo com um ou mais proprietários, mas, se o movimento tiver de ser conduzido de um modo próximo ao científico, deverão ser obtidas faixas de terra muito maiores do que as ocupadas pelo nosso primeiro experimento. Pois, exatamente como a primeira linha curta, germe da empresa ferroviária, ensinaria em poucas mentes a concepção de uma rede ferroviária estendida por todo o país, assim, talvez, a idéia de uma cidade bem planejada tal como descrevi não terá preparado o leitor para o desenvolvimento posterior que deve inevitavelmente seguir-se — o planejamento e a construção de conjuntos de cidades — cada uma tendo um desenho diferente das demais, e mesmo assim, o todo fazendo parte de um plano amplo e bem elaborado.

Permita-me aqui apresentar um diagrama muito elementar representando o meu modo de conceber o verdadeiro princípio segundo o qual todas as cidades deveriam desenvolver-se. Suponhamos que a Cidade-Jardim se tenha desenvolvido até atingir uma população de 32.000 pessoas. Como crescerá? Como satisfará as necessidades de outros que serão atraídos por suas inúmeras

<sup>43</sup> Clifford, *History of Private Bill Legislation* (Butterworth, 1885), Introdução, p. 88.

vantagens? Construir-se-á no setor agrícola que a circunda, destruindo para sempre seu direito de ser chamada de "Cidade-Jardim"? Seguramente não. Esse resultado desastroso certamente teria lugar se a terra ao redor da cidade, como a terra ao redor de nossas cidades atuais, pertencesse a indivíduos privados, ansiosos por tirar lucro dela. Porque, saturada a cidade, o solo agrícola estaria "maduro" para fins edilícios, sendo rapidamente destruída a beleza e salubridade da urbe. Mas, afortunadamente, a terra ao redor da Cidade-Jardim não está em mãos de indivíduos privados: está nas mãos do povo e deverá ser administrada não no suposto interesse desses poucos, mas no real interesse de toda a comunidade. Ora, há poucas coisas tão zelosamente guardadas pelo povo quanto seus parques e espaços abertos, e creio que podemos ficar seguros que o povo da Cidade-Jardim não permitirá nem por um só momento que a beleza de sua cidade seja destruída pelo processo de crescimento. Mas não se poderia objetar que, se isto fosse verdade, os habitantes da Cidade-Jardim estariam obstruindo egoistamente o crescimento de sua cidade, impedindo assim que muitos gozassem suas vantagens? Certamente não. Há uma alternativa brilhante mas despercebida. A cidade *irá* crescer, mas crescerá de acordo com um princípio cujo resultado não haverá nem de diminuir, nem de destruir, mas aumentará sempre suas oportunidades sociais, sua beleza, suas vantagens. Consideramos por um momento o caso de uma cidade na Austrália que ilustra o princípio que venho sustentando. A cidade de Adelaide, como mostra o mapa, é circundada por suas "Áreas de Parque". A cidade está construída; como ela cresce? Cresce saltando sobre os parques e estabelecendo a Adelaide do Norte. É esse o princípio que se pretende seguir, aperfeiçoando-o, porém, na Cidade-Jardim.

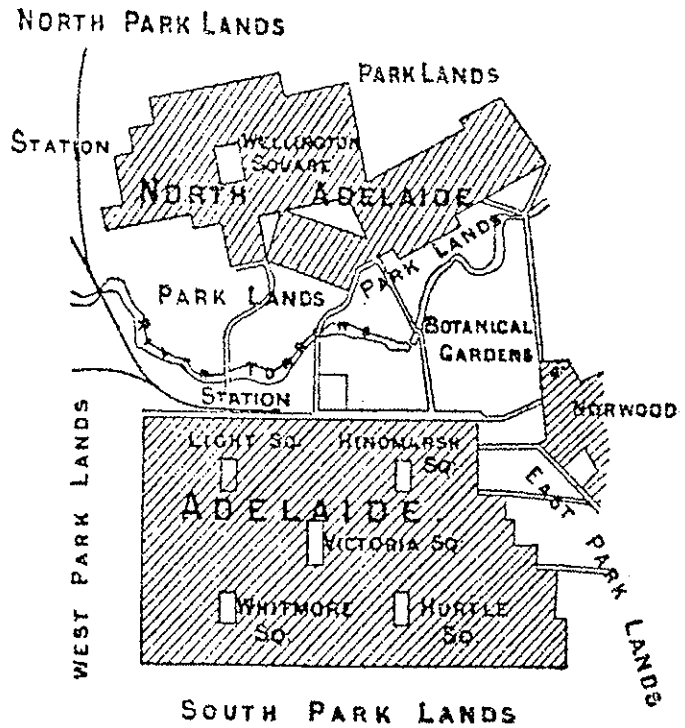
Nosso diagrama pode agora ser entendido. A Cidade-Jardim foi construída. Sua população atingiu 32.000 habitantes. Como crescerá? Crescerá estabelecendo — provavelmente por meio dos poderes do Parlamento — outra cidade a uma pequena distância de sua zona "rural", de modo que a nova cidade tenha igualmente sua própria zona rural. Eu disse "estabelecendo outra cidade" e, para fins administrativos, haverá *duas* cidades. Mas os habitantes de uma poderão atingir a outra em poucos minutos, pois se providenciará especialmente para isso transporte rápido e assim o povo das duas cidades representará, na verdade, uma única comunidade.

E tal princípio de crescimento — sempre preservar um cinturão rural ao redor de nossas cidades — seria retido em mente até que, com o passar do tempo, tivéssemos uma rede de cidades, não, é claro, dispostas geometricamente tal como em meu diagrama, mas agrupadas em torno de uma Cidade Central, em que cada morador de todo o grupo, ainda que em certo sentido vivendo numa cidade de pequeno porte, na realidade viva e desfrute de todas as vantagens de uma grande e belíssima cidade, mantendo-se a poucos minutos a pé ou de

Nº 4.

# — ADELAIDE —

SHOWING PARK LANDS ALL ROUND  
CITY, AND ITS MODE OF GROWTH.



Adelaide e seus parques

condução, de todas as delícias do campo: relvados, sebes e bosques e não meramente parques afetados e jardins. *E pelo fato de o povo em sua capacidade coletiva possuir a terra sobre a qual é construído esse belo grupo*

de cidades, os edifícios públicos, as igrejas, as escolas, as universidades, as bibliotecas, as galerias de arte, os teatros seriam de uma escala de magnificência impossível de ser sustentada por qualquer cidade do mundo que tivesse suas terras penhoradas a indivíduos privados.

Eu disse que um trânsito ferroviário rápido seria instalado pelos que morassem nessa bela cidade ou em seu grupo. Numa vista d'olhos, o diagrama nos apresenta as principais características de seu sistema ferroviário. Há, primeiramente, uma ferrovia intermunicipal ligando todas as cidades do anel externo — vinte milhas de circunferência — de forma tal que para ir-se de uma cidade qualquer a sua vizinha mais distante uma pessoa necessite cobrir uma distância de apenas dez milhas, que poderiam ser percorridas em, digamos, doze minutos. Esses trens não parariam entre as cidades. Os meios de comunicação com essa finalidade seriam os bondes elétricos que atravessam as rodovias, que existem em certo número, como veremos, ligando cada cidade a outra do mesmo grupo em rota direta.

Há também um sistema ferroviário através do qual cada cidade é posta em comunicação direta com a Cidade Central. A distância de qualquer cidade ao coração da Cidade Central é de apenas 5,22 km, que podem ser facilmente percorridas em cinco minutos.

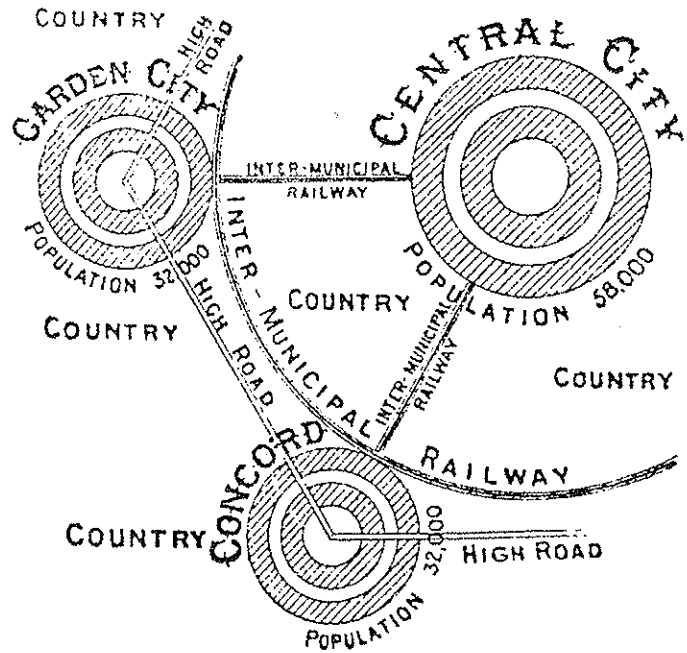
Quem experimentou a dificuldade de ir de um subúrbio a outro de Londres, verá num momento que enorme vantagem levariam os que morassem num grupo de cidades como o apresentado, porque teriam para atender a suas finalidades um *sistema* e não um *caos* ferroviário.

A dificuldade sentida em Londres deve-se, é claro, à ausência de previsão na reflexão e nos arranjos. Sobre isso, poderia citar com proveito uma passagem do discurso presidencial de Benjamin Baker ao Instituto dos Engenheiros Civis a 12-XI-1895: "Nós, londrinos, muitas vezes nos queixamos da ausência de um sistema na disposição das ferrovias e de suas estações terminais dentro e ao redor das metrópoles, o que nos obriga a longos percursos em táxis para passar de um sistema ferroviário a outro. O fato de que essa dificuldade exista decorre, estou seguro, principalmente da falta de providência de um estadista não menos capaz que Sir Robert Peel, porque, em 1836, foi proposta uma moção na Câmara dos Comuns em favor de que todas as leis ferroviárias que visassem concessões para terminais em Londres fossem submetidas a uma Comissão Especial, de forma que um projeto completo pudesse ser desenvolvido a partir de numerosos outros apresentados ao Parlamento, evitando que a propriedade fosse sacrificada desnecessariamente por causa de projetos rivais. Sir Robert Peel opôs-se à moção em nome do governo com base no argumento de que 'nenhum projeto ferroviário poderia entrar em operação até que a maioria do Parlamento tivesse declarado que seus princípios e sua

Nº 5.

— **DIAGRAM** —

ILLUSTRATING CORRECT PRINCIPLE  
OF A CITY'S GROWTH - OPEN COUNTRY  
EVER NEAR AT HAND, AND RAPID  
COMMUNICATION BETWEEN OFF-SHOOTS.



**COUNTRY**

Princípio correto do crescimento de uma cidade.

organização lhes parecessem satisfatórias, além de seus investimentos lucrativos. E ainda que "constituía um princípio reconhecido nestes casos que, antes de uma permissão ser obtida, os prováveis lucros de uma empresa se

demonstrassem suficientes para mantê-la num estado de permanente utilidade, sendo perfeitamente legítimo que os proprietários de terras esperassem e solicitassem tal garantia do Parlamento'. Nesse caso, um prejuízo incalculável estava sendo inconscientemente infligido aos londrinos por não terem uma grande estação central na metrópole, e os fatos mostraram quão falso era o pressuposto de que um Decreto baixado implicaria em alguma garantia quanto às prospectivas financeiras da ferrovia."

Mas, deve o povo da Inglaterra sofrer eternamente pela ausência de previsão dos que vislumbraram pouco o desenvolvimento futuro das ferrovias? Seguramente não. Pela natureza das coisas, era pouco provável que a primeira rede ferroviária jamais construída pudesse conformar-se a princípios verdadeiros. Mas agora, tendo em vista os enormes progressos ocorridos nos meios de rápida comunicação, é o momento certo para dispormos mais plenamente desses meios e construir nossas cidades com base em plano como o que expus tão toscamente. Estaríamos, então, para todas as finalidades dessa comunicação, mais próximos uns dos outros do que encontramos-nos em nossas cidades congestionadas, enquanto ao mesmo tempo estaríamos nos cercando das condições mais saudáveis e vantajosas.

Alguns dos meus amigos sugeriram que tal projeto de aglomerados de cidades se adaptaria bem a um país novo, mas que num país há muito ocupado, com suas cidades edificadas e com sua rede ferroviária em sua maior parte já construída, é bem outra a situação. Seguramente, no entanto, levantar esse ponto é argumentar com outras palavras que as formas existentes de riqueza do país são permanentes e que servirão para sempre como obstáculos à introdução de formas aperfeiçoadas; que cidades abarrotadas, malventiladas, não-planejadas, incontroláveis e insalubres — úlceras na própria face de nossa bela ilha — impõe-se como barreiras à introdução de cidades nas quais os modernos métodos científicos e os objetivos dos reformadores sociais teriam o mais pleno escopo para expressar-se. Não, não pode ser. No mínimo, não pode ser por muito tempo. O Que É pode por algum tempo obstruir O Que Poderia Ser, mas não é capaz de deter a maré do progresso. Essas cidades congestionadas já realizaram seu trabalho. Foram o melhor que uma sociedade largamente baseada no egoísmo e na rapinagem pôde construir, mas fazem parte da essência de coisas completamente inadaptadas a uma sociedade na qual o aspecto social de nossa natureza exige uma parcela maior de reconhecimento: uma sociedade na qual o próprio amor a si mesmo nos leva a insistir numa maior consideração pelo bem-estar de nossos semelhantes. As grandes cidades de hoje não estão mais aptas a expressar o espírito fraterno do que estariam aptas ao uso em nossas escolas [uma obra de astronomia que ensinasse ser a terra o centro do universo]. Cada geração deveria construir segundo suas próprias necessidades e não é da natureza das

coisas que os homens continuem a viver em áreas antigas porque seus ancestrais viveram nelas, ou que possam prezar velhas crenças superadas por uma fé mais ampla e um maior entendimento. Por isso, seriamente instamos o leitor a não presumir que as grandes cidades, das quais ele, talvez compreensivelmente, tenha orgulho, sejam necessariamente, em sua presente forma, algo mais perene que um sistema de diligências, que era objeto de muita admiração exatamente no momento em que estava prestes a ser superado pelas ferrovias.<sup>44</sup> A questão simples a ser enfrentada resolutamente é: "Partindo-se de um plano audaz num solo comparativamente virgem, podem ser obtidos melhores resultados do que tentando adaptar nossas velhas cidades a nossas necessidades superiores e mais novas? Assim devidamente enfrentada, a questão só poderá ser resolvida de uma maneira. E, quando estiver bem compreendido esse fato simples, a revolução social se desenca-deará rapidamente.

Mostrar-se-á óbvio para qualquer um que há neste país terra suficiente na qual poderia ser construído um aglomerado tal como eu descrevi, com perturbação *comparativamente* pequena dos interesses estabelecidos e, portanto, exigindo poucas compensações. E, quando nosso primeiro experimento estiver coberto de êxito, não haverá grande dificuldade em obter do Parlamento poderes para comprar a terra e realizar as obras necessárias paulatinamente. Os Conselhos de Condado buscam agora poderes mais amplos e um Parlamento sobrecarregado está ansiando cada vez mais por devolver-lhes algumas de suas obrigações. Deixemos que tais poderes sejam concedidos cada vez mais livremente. Tomemos medidas cada vez mais amplas de governo local e então tudo que meu diagrama prescreve será facilmente atingido — só que num plano muito melhor, porque fruto de um pensamento bem urdido e combinado.

Mas, poderia ser dito: "Assim você não estaria francamente confessando o grande perigo aos interesses estabelecidos deste país que seu projeto indiretamente representa, armando contra si os interesses estabelecidos, e tornando, portanto, qualquer mudança por via legal impossível? Penso que não. E por três razões. Primeiramente porque os interesses estabelecidos, dos quais se diz estarem alinhados como uma sólida falange contra o progresso, irão, por força das circunstâncias e do desenrolar dos fatos, estar por esta ocasião divididos em campos opostos. Em segundo lugar, porque os proprietários, pouco dispostos a ceder ante ameaças, como muitas vezes as fazem contra eles certo tipo de socialistas, estarão muito mais propensos a fazer concessões à lógica dos fatos, à medida que esta se revelar em um indubitável avanço da sociedade rumo a uma forma superior. E, em terceiro lugar, porque o maior, o mais importante e, por fim, o mais influente dos interesses estabelecidos — refiro-me ao interesse estabelecido dos que trabalham para ganhar a vida,

<sup>44</sup> Veja, por exemplo, o capítulo de abertura de *The Heart of Midlothian*, de Sir Walter Scott.

com as mãos ou com o cérebro — estará naturalmente a favor da mudança quando sua natureza for compreendida.

Permita-me tratar desses pontos separadamente. Em primeiro lugar, digo que os interesses estabelecidos da propriedade se cindirão em dois e que tomarão campos opostos. Esse tipo de cisão já ocorreu anteriormente. Assim, nos primeiros dias da legislação ferroviária, os interesses estabelecidos ligados aos de canais e às diligências alarmaram-se e fizeram tudo que puderam para estorvar e barrar o que os ameaçava. Mas outros grandes interesses estabelecidos varreram facilmente essa oposição. Esses interesses eram principalmente dois, o capital procurando investimento e a terra desejando vender-se. (Um terceiro interesse, o trabalho em busca de emprego, então mal começava a defender suas reivindicações.) Certifiquemo-nos agora de como um experimento bem-sucedido como a Cidade-Jardim pode facilmente vir a abrir grande brecha na pedra dos interesses estabelecidos, que os fará em pedaços com força irresistível e permitirá colocar a atual legislação vigorosamente numa nova direção. O que tal experimento provará na verdade? Entre outras coisas, numerosas demais para serem mencionadas, terá provado que em terras incultas (bastando que a terra seja possuída em condições justas) podem ser asseguradas condições muito mais saudáveis e econômicas do que em terras que no momento atinjam um valor de mercado muito mais alto. E, provadas essas coisas, abrir-se-ão largamente as portas para a migração das velhas cidades congestionadas, com seus aluguéis inflacionados e artificiais, de volta à terra que agora pode ser assegurada a preços baixos. Duas tendências apresentar-se-ão então. A primeira será uma tendência de acentuada queda nos valores do solo urbano; a outra, uma tendência menos pronunciada no aumento do valor do solo agrícola.<sup>45</sup> Os possuidores de terras agrícolas, pelo menos os que desejam vendê-las — e mesmo agora muitos deles estão ansiososíssimos por fazê-lo — darão boas-vindas à extensão de um experimento que promete levar mais uma vez a agricultura da Inglaterra a uma situação próspera: os proprietários de terras da cidade, na medida em que prevaleçam seus interesses meramente mesquinhos, o temerão consideravelmente. Desse modo, os proprietários de todo o país estarão divididos em duas facções opostas e o caminho da reforma agrária — a base sobre a qual todas as outras reformas devem ser edificadas — tornar-se-á comparativamente fácil.

Da mesma forma, o capital estará dividido em dois campos opostos. O capital investido, isto é, o capital imobilizado em empresas que a sociedade reconhece como pertencentes à velha ordem, dará o alarme e cairá enormemente em valor, ao passo que o capital em busca de investimento dará boas-vindas a uma iniciativa que há muito tempo constituía sua mais urgente necessidade. Nesse embate, o capital investido será ainda mais debilitado por

<sup>45</sup> A principal razão para isso é que o solo agrícola comparado com o solo urbano existe em quantidade muito maior.



outra razão. Os possuidores das formas existentes de capital se empenharão — mesmo que seja com grande sacrifício — em vender parte de seus arqui-honoráveis títulos financeiros, investindo-os em novas empresas, em terras das municipalidades, pois não desejarão “guardar todos os seus ovos numa única cesta”. Assim, as influências opostas da propriedade estabelecida neutralizar-se-ão mutuamente.

Todavia, acredito que os interesses estabelecidos da propriedade serão afetados ainda mais notavelmente de outro modo. Um homem de fortuna, quando é pessoalmente atacado e denunciado como inimigo da sociedade, custa a crer na perfeita boa fé dos que o acusam, e, quando esforços realizam-se para taxá-lo por meio da mão forte do Estado, é capaz de valer-se de todos os recursos, legais ou ilegais, para opor-se a eles, e quase sempre com não reduzida margem de êxito. Contudo, o homem rico médio não é menos composto de puro egoísmo que o homem pobre médio; e se ele vir seus edifícios e terras caírem de valor, não pela força, mas porque os que viviam nelas aprenderam como construir casas próprias muito melhores, em terra possuída em condições mais vantajosas e a cercar seus filhos de muitas comodidades não desfrutáveis em sua propriedade, terá de dobrar-se filosoficamente ao inevitável, e em seus melhores momentos chegará a saudar mesmo uma mudança que o envolverá em uma perda pecuniária muito maior do que qualquer modificação na incidência de tributos provavelmente lhe infringiria. Há em todo homem certa dose de espírito reformista; há em todo homem alguma consideração por seu semelhante. E quando esses sentimentos naturais vão contra seus interesses pecuniários, resulta que o espírito de oposição arrefece inevitavelmente, em algum grau em todos os homens, enquanto noutros é inteiramente substituído por ardente desejo do bem do país, mesmo com sacrifício de muitos haveres prezados. Dessa forma, o que não será cedido por uma força externa, pode ser prontamente garantido como resultado de um impulso interno.

Deixe-me agora, tratar por um momento dos maiores, dos mais valiosos e dos mais permanentes de todos os interesses estabelecidos, os interesses estabelecidos da perícia, do trabalho, da energia, do talento e da industriabilidade. Como esses interesses seriam afetados? Minha resposta é: a força que dividirá em dois os interesses estabelecidos da terra e do capital unirá e consolidará os interesses dos que vivem do trabalho, e os levará a unir suas forças às dos possuidores de terras agrícolas e de capital em busca de investimento, para pressionar o Estado pela necessidade imediata de liberar os recursos que permitam a reconstrução da sociedade e, quando o Estado for lento na atuação, empregar esforços coletivos voluntários semelhantes aos adotados no experimento da Cidade-Jardim, com as modificações que a experiência mostrar necessárias. Uma tarefa como a construção de um grupo de cidades

como o representado em nosso diagrama, pode muito bem inspirar todos os trabalhadores com o entusiasmo que une os homens, pois exigirá os maiores talentos de engenheiros de todos os tipos, de arquitetos, artistas, médicos, peritos em saneamento, paisagistas, agrônomos, supervisores, construtores, industriais, comerciantes, financistas, organizadores de sindicatos, sociedades de ajuda mútua ou cooperativas, além das formas mais simples de trabalho não-qualificado, juntamente com todas as modalidades intermediárias de habilidade e talento. Por que a vastidão da tarefa, que parece atemorizar alguns de meus amigos, representa, de fato, a verdadeira medida de seu valor para a comunidade, desde que ela seja cumprida com espírito e objetivos dignos. Trabalho em abundância constitui, como foi frisado várias vezes, uma das maiores necessidades de nossos dias e desde o início da civilização não se abriu uma frente de trabalho como a representada pela tarefa que está diante de nós, de reconstruir sob nova forma o tecido exterior da sociedade, empregando à medida que o edificuemos, toda a habilidade e o conhecimento que a experiência de séculos nos ensinou. Foi apresentada no início do século, a "grande cruzada" de construir estradas de ferro que cobrissem toda a extensão desta ilha, unindo numa vasta rede todas suas cidades e metrópoles. Mas a empresa ferroviária, por maior que tenha sido sua influência, tocou a vida das pessoas em poucos pontos, se comparada com o mais recente apelo à construção de cidades-lar em vez de cidades tegúrios; de plantarem-se jardins no lugar de pátios congestionados; de construir belas vias fluviais em vales alagados; de estabelecer um sistema científico de distribuição para tomar o lugar do caos; um sistema justo de posse fundiária em vez de um que represente o egoísmo que, esperamos, esteja sendo superado; de encontrar pensões com liberdade para nossos anciãos pobres, ora aprisionados nos asilos para trabalhadores; de banir o desespero e despertar a esperança no peito dos que sucumbiram; de silenciar a voz áspera do medo e acordar as notas suaves da fraternidade e da boa vontade; de colocar em mãos fortes os instrumentos da paz e da construção para que os da guerra e da destruição possam cair na inutilidade. Eis aqui uma tarefa que bem pode unir um vasto exército de trabalhadores para utilização desse poder, cujo presente desperdício é fonte de metade de nossa pobreza, doença e sofrimento.